

Artes

Radha Abramo

WILZA CARLA E SABONETE, NO MUSEU.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo mostra 36 quadros de Geraldo de Barros. Seis deles são os primeiros de seu atual processo de pesquisa, os outros são amostras das exposições realizadas na Galeria Atrium, em 65, e na Rex, em 66. Nesta fase, o artista trabalha a colagem. Os elementos plásticos de articulação e composição são os recortes de anúncios ou cartazes. Os trabalhos posteriores configuram um discurso retórico completo, e ordenado por um definido sistema de relações simbólicas. O artista faz, em primeiro lugar, a exegese do *out-door*. Analisa-o, recorta a mais expressiva área da fotografia, ou seja, aquela que expresse o eixo pitagórico, suporte da composição. Cola, em seguida, a parte de papel sobre um aglomerado de madeira. Forma-se um quadro com o recorte escolhido; ou um outro *out-door*. A parcela do todo do original torna-se, também ela, um todo. O procedimento operacional é essencialmente gestáltico, porque essa é a meta artística de Geraldo de Barros. O quadro *Holiday On Ice* (74), com as três figuras femininas centradas triangularmente no espaço, mostra com muita clareza a intenção do artista.

Um problema de ângulo visual determina uma conduta nova para a feitura do quadro. Como as áreas são grandes e monumentais (porque não perdem a característica funcional de *out-door*), é impossível ao artista trabalhar em posição vertical. O artista coloca os quadros em posição horizontal. Usa massa (marca Wanda) diluída em terebintina.

Os quadros de 74/75 ainda conservam um certo uso do claro-escuro, mas os posteriores — e, em especial, o do *Sabonete Francis* (77) — revelam uma pintura chapada. O ato de recortar uma área de *out-door* não implica necessariamente na aceleração total das formas impressas. Pelo contrário, o recorte, depois de montado no aglomerado de madeira, adquire nova identidade, já que o artista eliminou as retículas impressas, ou as ressaltou com cores mais vibrantes. A alteração de um gesto, a ênfase dada a um detalhe menor, causam um transtorno (ou ruído, como dizem os comunicólogos) na mensagem. A mensagem inicial transforma-se em outra, crítica, embasada de humor, como em *Wilza Carla*, (76). O artista recupera a imagem do homem, exposta e proposta como objeto de consumo. Frustra a trucagem publicitária e extirpa o subtexto, dirigido no sentido de despertar um estímulo e uma resposta. Como o artista é um homem solitário, só sabe criar quando estabelece uma relação com as pessoas. Por essa razão — simples e profunda demais — é que ele vem modificando, nestes doze anos, a imagem dirigida à massa anônima, o *out-door*. Para tanto, emprega o velho instrumento da pintura. E prova que as tintas sobre uma superfície são, ainda, fonte inesgotável de criação.